



A reinvenção dos modos de ser, pensar e estar: efeitos de uma crise sanitária global

The reinvention of ways of being, thinking and mode of presence: effects of a global health crisis

La reinvencción de formas de ser, pensar y estar: efectos de una crisis sanitaria mundial

Paulo Sérgio Raposo da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)

ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia**: COVID-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

O profícuo e polêmico filósofo esloveno Slavoj Žižek, no livro *Pandemia: COVID-19 e a reinvenção do comunismo*, elabora uma análise político-sociológica dos efeitos da pandemia provocada pelo novo coronavírus. Como o subtítulo sugere, discute logo no início questões teórico-conceituais atreladas ao comunismo, não apenas como um regime político historicamente datado, com regras rígidas de disciplina, mas como um conjunto de ideias e propostas que ressurgem ante as fragilidades do sistema capitalista expostas pela doença de escala global.

Como se trata de um texto de intervenção, o livro é curto porque foi escrito no decorrer dos fatos, enquanto as nações e seus líderes ainda lidam com o problema munidos de poucos dados acerca de como o vírus age e ainda pode agir. Os treze capítulos, marcados pela originalidade peculiar ao autor, perpassam um amplo leque de temas que vão de conceitos oriundos da filosofia política – tais como ideologia, biopolítica, situação de refugiados, barbárie e preceitos do próprio comunismo – até a cultura pop do cinema passando por questões psicanalíticas-lacanianas.

De início, Žižek desconstrói os preconceitos, e consequentes calúnias, que circundam a origem e suposta responsabilidade moral pelo alastramento da COVID-19 atribuídas à China, em geral, e à cidade de Wuhan, em particular. A ideologização do vírus, que opera oportunisticamente no sentido de encontrar culpados em um momento de urgências vitais, constrói caricaturas acerca do povo chinês e seus costumes. Além disso, serve muito mais a

interesses geopolíticos e econômicos do que de fato para encontrar caminhos solidários de saídas para tamanha tragédia que acomete indistintamente a todos e a cada um.

Para o filósofo, todas essas construções desdenham de uma nação que também padece dos mesmos males que os países afetados, cujo desdém acrescenta, sem nenhuma necessidade, culpa e estigma ao sofrimento. Dado o momento delicado comum a todos, o povo chinês não tem do que se envergonhar. Quem de fato deve se envergonhar são todos aqueles que, a despeito da nacionalidade e ideário, ignoraram a epidemia, enquanto, paradoxalmente, tomavam medidas para se precaver. De modo que, se insistirmos na discussão sobre responsabilidades ou negligências, somos todos nós que deveremos sentir vergonha em colocar a China, um país inteiro, com seus defeitos e particularidades sociais como todos outros, em quarentena.

2 Pode-se perceber que o que está em discussão ao longo de todo o livro não é a implantação de um regime político do passado alinhado às esquerdas tradicionais. O que está em discussão são os pressupostos e ações que, sim, fundamentam e são feições do comunismo clássico, escolhido pelo autor apenas como um nome para designar o que está ocorrendo e ainda poderá ocorrer com maior radicalidade no desenrolar da crise sanitária. Um exemplo é o protagonismo do Estado como agente provedor dos insumos, das condições básicas e infraestrutura indispensáveis no enfrentamento da crise, além do engajamento de comunidades locais no auxílio do sistema de saúde e na adesão às medidas até agora conhecidas como métodos de contenção de uma tragédia ainda maior.

Embora o autor admita que a situação é profundamente política e exige escolhas radicais, não são somente temas de ordem sociológica ou político-partidária que estão em evidência na pandemia. Dadas as controvérsias, a complexidade da situação e um número considerável de variáveis, há desafios para as ciências, para os modos de pensar e construir o conhecimento até então hegemônicos, acerca de como responder em tempo a demandas terrivelmente insurgentes que, tal como a COVID-19, solapam inclusive as condições básicas de existência de todo o espectro partidário, já que se trata de uma questão de vida ou morte.

O autor leva esse debate até as últimas consequências e assevera que é necessário tomar decisões duras que não dependem apenas do



conhecimento científico clássico, posto que envolvem aspectos da vida social cujos saberes biocientíficos, por definição, não têm respostas. De todo modo, o texto do filósofo é enfático ao assegurar que, independente do sistema político, uma questão é certa: as vidas não podem ser abandonadas a lógicas de mercado ou estímulos pontuais que não hesitam em descartar pessoas. Conforme a própria compreensão de custo-benefício capitalista essas vidas podem ser salvas se os valores que conduzem as ações forem outros.

Ao pôr em perspectiva o pânico excessivo de alguns líderes, Slavoj Žižek esclarece que o afeto tomou conta com tamanha potência da comunidade internacional porque lá, de onde deveria ter surgido, esteve ausente mesmo depois de vários alertas acerca de possíveis e piores epidemias daquelas provocadas pelo Ebola e pela Sars. Sua ausência foi responsável por uma total desatenção às condições sanitárias mundiais, que só tínhamos conhecimento ou visto em filmes apocalípticos da indústria cinematográfica, tais como *Contágio*, dirigido por Steven Soderbergh.

A proposta é muito mais ampla do que a mera reimplantação do comunismo como uma leitura displicente ou mal-intencionada poderia propagar. Trata-se de um projeto mais denso e diversificado, cuja implementação exige um pensamento em constante atualização, que se exponha à crítica, à reformulação, à contradição e à reflexão para realizar construções de modos consensuais de convivência. Com essa natureza, o pensamento deve levar em consideração a mais ampla solidariedade, cooperação internacional, uma radical consciência planetária, valores de fundo humanitário e de caráter essencial, dadas as circunstâncias as quais a globalização nos remete.

Por tudo que o livro apresenta, conclui-se que o horizonte de luta e militância não se constitui meramente nas discussões partidárias ou ideológicas, mas também nas epistemológicas de matriz transdisciplinar. Se não for assim, como decidir quais dos mundos surgirão, e qual será o melhor para se viver depois da pandemia se as disputas conceituais não forem muito bem elaboradas em tempos de pós-verdade?

Sem o devido engajamento de disciplinas, programas de formação e ação dos atores sociais voltados à construção de um projeto de país duradouro e radicalmente transformador, o risco de crises como a atual não será remoto. Afinal são as limitações das ordens políticas, econômicas, sociais e conceituais que estão em evidência.

Mestrando Paulo Sérgio Raposo da Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Brasil)
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Estudos da Complexidade (GRECOM)
Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-3558-3448>
E-mail: pauloraposo10@gmail.com

Recebida 27 maio 2020

Aceita 5 jun. 2020